

GÊNEROS LITERÁRIOS: CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Luzia Aparecida Berloff Tofalini *

Resumo

Os gêneros, ou estilos, literários, a princípio nitidamente demarcados, sofreram modificações através da História. A reflexão teórica grega (Platão e Aristóteles) distinguia os gêneros com base na caracterização da linguagem poética. A partir daí, e ao longo do tempo, muitos estudiosos puseram-se a refletir sobre o assunto. Surgiram muitas convergências e divergências entre esses pesquisadores, no tocante às suas teorias. No século XX, percebe-se uma diluição dos gêneros enquanto posicionamentos fechados, estanques. Com efeito, constata-se que alguns gêneros evoluíram para gêneros diferentes, outros simplesmente desapareceram (como é o caso da epopéia), e os que permanecem já não são puros, mas mesclados por outros.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros/Estilos Literários.

Abstract

Literary styles, at first clearly defined, suffered modifications throughout History. Plato and Aristotle distinguished the styles based on poetic language characterization. From that moment on, and along

the times, many scholars have carefully considered this matter. Many were the convergences and divergences between these scholars, *as per* their theories. In the Twentieth Century, there is a dilution of styles, if they are taken as closed and stagnant opinions. As a matter of fact, there is evidence that some literary styles evolved into other styles, whereas others simply disappeared (as is the case with the epic poem), and some others which are just not “pure” anymore, but mixed with others.

KEYWORDS: Literary Styles

Introdução

A questão do gênero literário constitui um árduo problema, desde a antiguidade helênica, uma vez que as teorias vêm sofrendo grande variabilidade. O problema fundamental da dificuldade de se conceituar o gênero advém do fato de a obra de arte ser *mimesis* da realidade, representação e transfiguração dessa realidade. Ora, as concepções do homem em relação a si mesmo e aos outros indivíduos, sua mundivisão e cosmovisão são modificadas através dos séculos e todo esse problema é refratado ao se tentar uma teorização dos gêneros literários.

* Docente da UNIPAR. Doutoranda em Letras.

1. Problemática dos Gêneros

Desde épocas muito antigas discute-se a questão dos gêneros. Ao longo do tempo, surgiram muitas polêmicas. Um exemplo está no fato de alguns teóricos defenderem a tese da imutabilidade dos gêneros, enquanto outros propugnarem por uma libertação desses modelos, defendendo a liberdade criadora. Os primeiros viam os gêneros como *organismos permanentes que deveriam ser respeitados em toda a sua estruturação* (ARAGÃO, 1994: 64). O segundo grupo não admitia nenhuma limitação à liberdade criadora por nenhuma regra apriorística.

No livro da *República*, de Platão, encontra-se a primeira referência à questão dos gêneros. Ali, Platão estabelece três categorias: a poesia épica, a poesia lírica e a poesia dramática. Para ele, os poetas imitam apenas um mundo aparente. É a *mimesis* encarada como a imitação da “aparência das coisas” (ARAGÃO, 1989: 66). Esta postura encontrará nos realistas fortes opositores. De acordo com Luiz Costa Lima, já os realistas defendiam que cada gênero é uma cópia da realidade. Costa Lima rejeita a maneira de pensar de Platão neste particular. Na sua teorização, Luiz Costa Lima tem como ponto primeiro a *Poética*, de Aristóteles, que constitui seu ponto referencial. Na *Poética*, Aristóteles reconhece três formas fundamentais do fazer poético: o lírico, o épico e o dramático.

O Trabalho de Luiz Costa Lima tem como objetivo a teorização a partir da *Poética* de Aristóteles. Com efeito, é uma visão histórica da reflexão que foi sendo feita através da História. Aparecem no texto algumas posturas de Costa Lima em relação à teoria dos gêneros. Entre elas está a valorização da reflexão, o partidário do “formalismo russo” e a defesa da teoria da recepção (movimento teórico que privilegia o deslocamento). A estética da recepção valoriza o destinatário da obra, ou seja, o receptor. Com este último posicionamento, Costa Lima opõe-se ao

“formalismo” na medida em que este privilegiou a estética da produção e não da recepção. Para os formalistas, os gêneros são sempre dinâmicos. Choklovski (Apud: COSTA LIMA, 1983: 251) afirma que a “finalidade da arte é de dar uma sensação do objeto como visão e não como reconhecimento”. Este teórico começa a ver a arte com a ótica do desvio da norma.

Staiger, contrariando Costa Lima, nega o ponto de vista histórico, em relação aos gêneros. Para ele, são estilos, formas a *priori*. É o estilo da subjetividade, do eu. Opõe-se também a Luiz Costa Lima quanto à conceitualização dos gêneros. Staiger não conceitua os gêneros. Aliás, ele não fala em gêneros, mas em estilos: épico, lírico e dramático.

As linhas de pensamento normativa e descritiva permeiam todo o texto de Luiz Costa Lima. Croce (Apud: COSTA LIMA, 1983), entretanto, coloca-se com firmeza, contra a normatividade. Com efeito, Croce, de acordo com Costa Lima, “é grande adversário” da concepção normativa dos gêneros. Croce combate simultaneamente “a idéia dos gêneros e a abordagem historiográfica (*imitatio*)” (COSTA LIMA, 1983: 246). Aliás, houve no Romantismo uma total rejeição da concepção normativa. Croce defende, ainda, a idéia de que a intuição é um ponto importante para não se deixar padronizar. Para Croce, os gêneros literários foram refeitos sobre dois princípios: a valoração (valorização da obra no momento em que ela aparece) e a qualificação (qualidade de um estado de espírito que se expressa em um gênero). Costa Lima, todavia, desconsidera essas designações que, para ele, “não passam de etiquetas úteis” ou “definições empíricas” (COSTA LIMA, 1983: 249).

A capacidade de sentimento (intuição) é o primado de Croce. Muito da intuição que aparece nos teóricos atuais já vinha de Croce. Para Croce (Apud: COSTA LIMA, 1983: 247), o conhecimento tem duas formas. Trata-se do “conhecimento *intuitivo* ou conhecimento *lógico*. (...) É, em síntese, ou produtor de *imagens* ou produtor de *conceitos*”.

2. Aspecto Social dos Gêneros

Luiz Costa Lima ressalta que Tynianov opõe-se à caracterização ontológica da literatura e à “tradição clássica”. Para Tynianov (Apud: COSTA LIMA, 1983: 251-252), as *definições de literatura que operam com suas manifestações fundamentais chocam-se com o fato literário vivo*. Ele está mais voltado para o campo social. O mesmo acontece com os teóricos Medvedev e Bakhtin que fizeram das dificuldades encontradas pelos formalistas o seu ponto de partida. Concentram-se, estes, na linguagem poética utilizada não se preocupando com a “construção da obra”. Para estes dois teóricos, a obra tem intenção e conteúdo temático. Valorizam ainda o aspecto social, já que este aspecto define a maneira como a obra vai ser apresentada ao receptor. Há, decisivamente, uma divergência no modo de pensar em relação aos gêneros, por parte de Medvedev e Bakhtin em relação a outros teóricos, uma vez que para este “um gênero não pode ser bem captado mediante a pura inspeção verbal”. Tynianov ainda contentava-se com esta postura (Apud: COSTA LIMA, 1983: 253).

Sem romper, entretanto, com a postura de Tynianov, Medvedev e Bakhtin avançam a partir da tese de Tynianov (COSTA LIMA, 1983: 254). É necessário passar o conteúdo do mundo através de uma forma, já que as formas são os filtros, os gêneros literários. Medvedev e Bakhtin argumentam que “cada gênero traz consigo um feixe de expectativas e de seleção possíveis da realidade” (COSTA LIMA, 1983: 255). Luiz Costa Lima afirma que na primeira metade do século XX não predomina a “abordagem sociológica dos gêneros”, mas a “direção morfológica” (que é a direção do formalismo russo) (COSTA LIMA, 1983: 257).

Staiger, através da combinação da idéia de “formas naturais”, de Goethe, com a filosofia existencial, de Heidegger, quis fundamentar a teoria dos gêneros, a partir de uma caracterização ontológica. Queria determinar as “qualidades simples do poético, identificadas pelas formas do lírico, do

épico e do dramático” (COSTA LIMA, 1983: 258). Luiz Costa Lima discorda de Staiger, chegando a denominar de “desvario” a sua teoria. É importante ressaltar que para Frye há quatro gêneros, cujo fundamento comum é a *forma pela qual estabelece a relação entre autor e público: o drama, o epos, a lírica e a ficção*.

Luiz Costa Lima (1983: 266) afirma que hoje se pode “beneficiar da reflexão” que “ênfatiza a idéia de situação na qual um certo discurso funciona”, discurso este que é reconhecido como literário, cujas origens são as estéticas da recepção e do efeito.

3. A Primazia do Lírico

A teoria de Emil Staiger é extremamente importante para a teorização dos gêneros. Staiger defende a tese de que os gêneros literários existem por si, entretanto, jamais são puros. Embora um gênero seja sempre dominante, estará, invariavelmente, mesclado por outros. Neste ponto, Luiz Costa Lima está de acordo com Staiger.

Staiger mostra a contraposição e defende a primazia do lírico. Para ele, primeiro faz-se o lírico, depois o épico, para só mais tarde aparecer o dramático. Ele joga por terra todos os conceitos anteriores dos gêneros literários, na medida em que afirma que os gêneros não existem isoladamente. Mas misturados.

Entre os gêneros (ou estilos), Staiger destaca o gênero dramático por ser o mais completo. Segundo Staiger (1972: 163), no dramático concentram-se os três gêneros, embora haja uma ponta de dramático no lírico e no épico. Para ele, a épica é uma forma de expressão que traz por si um conceito lírico. E defende a tese de que só se produz o lírico quando há uma tensão e isto já constitui o dramático. Assim, evidencia que há uma situação de conflito no momento de criação do lírico e do épico. O lírico e o épico surgem somente quando a linguagem da poesia está “mais ou menos nitidamente elaborada”, ou seja, “quando o homem já se encontra ao nível do dramático, de onde só então o lírico e o épico

vão poder ganhar realce” (STAIGER, 1972: 163). Para ele, não existe drama que não contenha o lírico. A obra poética contém tanto o lírico quanto o dramático.

Após toda a discussão de sua teoria, Staiger não deixa clara a questão dos gêneros. O motivo da falta de clareza parece ser o fato de que ele parte do ser humano, da concepção do ser e envereda pela filosofia existencialista de Heidegger. Ora, a Filosofia é uma ciência especulativa. Assim, Staiger discute, mas, filosoficamente, não comprova nada.

De acordo com Staiger (1972: 165), a razão é a capacidade de distanciamento do problema para reflexão. A categoria do distanciamento é assim exposta: no lírico não há distância entre o sujeito e o objeto; no épico, o sujeito e o objeto estão próximos e olham-se mutuamente; no dramático, o sujeito desliga-se do objeto afirmando-se em si. O estilo dramático parece ser, para Staiger (1972: 167), o estilo moderno mais elaborado.

O texto de Staiger é construído gradativamente. Ele parte da biologia, ou seja, da natureza, da linguagem humana, para chegar à essencialidade do ser humano, ou seja, ao que o homem tem de mais subjetivo. Ele afirma que o homem não se desliga nunca do passado, já que o passado não morre (STAIGER, 1972: 171). Aqui, é evidente uma aproximação à essência da filosofia existencialista de Heidegger. Assim, para Staiger (1972: 171-172), o *poeta lírico recorda, o épico torna presente (...), o dramático traz tudo para diante dos nossos olhos*. É o fluxo da vida. O mesmo “ente” da “corrente do transitório e do insondável” é a premissa dos três estilos. A discussão de Staiger joga com dois pontos: o literário e o filosófico, na tentativa de, através do segundo, explicar o primeiro. A certo momento, porém, o aspecto filosófico quase suplanta o literário.

4. Influências e Confluências

Dionísio de Oliveira Toledo (EIKENBAUM,

1975: 279) pensa que a literatura não trabalha com a objetividade, mas com a subjetividade. Aqui, percebe-se um ponto em comum com a teoria de Staiger. Dionísio Toledo junta as concepções de Staiger e de Lukács, mas não aprofunda as coisas. Para ele, o que comanda a literatura é a estética. O modo de criar e os gêneros literários “decorrem da intenção do autor num determinado período histórico” (EIKENBAUM, 1975: 279). Assim, “se um romance ou um poema não são lidos, claro, inexistem” (EIKENBAUM, 1975: 272).

Quem realizou uma investigação dos elementos constitutivos da obra de arte literária e concluiu que ela é formada por várias camadas “sobre realidades” foi Romam Ingarden. Dionísio de Oliveira (EIKENBAUM, 1975: 273) afirma que a camada das objetividades é a mais importante para o espectador, já que ela atravessa as demais, para fixar-se na última, que é detentora dos “conteúdos”.

Para B. Tomachevski (EIKENBAUM, 1975: 201) a escolha do gênero é determinada pela conjuntura social, ou seja, “o conjunto das dominantes representa o elemento que autoriza a formação de um gênero”. Este teórico tece, ainda, comentários a respeito da desagregação que, por vezes, acontece com o gênero. Um exemplo é o “desaparecimento completo do gênero elevado” (ode e epopéia), outro exemplo é a comédia que se divide em comédia pura e tragicomédia. Ele enfoca o processo de sucessão dos gêneros, abarcando a substituição dos gêneros elevados pelos gêneros vulgares, já que, para ele, a literatura pode ser elevada, popular ou de massa (trivial). Eis aí os níveis de literatura, que dependem do grau de esteticidade, de literariedade, de renovação da linguagem. Entretanto, Tomachevski deixa claro que não se pode “estabelecer nenhuma classificação lógica e fechada dos gêneros” (EIKENBAUM, 1975: 203). Na verdade, o Romantismo é considerado um grande marco e depois dele não se pode mais falar em gêneros, garante Tomachevski. Ele afirma, ainda, que não há uma classificação lógica dos gêneros literários

segundo um critério único, porque os gêneros estão relacionados e mais, eles evoluem, transformam-se.

O formalismo, segundo B. Tomachevski é um trabalho específico voltado para a linguagem. Aliás, a linguagem é, para ele, o verdadeiro problema. E o gênero é definido pelos procedimentos. Enquanto Staiger fala em primazia, Tomachevski fala em dominante, característica que, de acordo com a sua teoria, prevalece na obra. Embora utilizem-se de palavras diferentes, querem expressar a mesma coisa. Para Tomachevski, os gêneros são criados pela entrada de procedimentos de outros gêneros em um gênero.

Já o pensamento de Flávio Rene Kothe é embasado pela visão social no sentido marxista (extremado e contundente). Ele trabalha com dois níveis de obras: trivial e artístico (KOTHE, 1994, 48). Kothe afirma, em concordância com os outros teóricos, que “não é o tema que cria a artisticidade”. A diferença entre o trivial e o artístico “pode ser mostrada objetivamente no texto, em sua organização sígnica e no horizonte mental alcançado”, ou seja, a capacidade de criar uma obra grande através de uma estética. E a diferença entre tragédia e dramalhão está no grau de tensão existente, porque os procedimentos são os mesmos. Kothe, assim como Tomachevski, enfatiza a “forma”. Na sua teoria, é dela que ele parte. Há, também, uma grande crítica à literatura trivial como meio de inculcação de formas. Para ele, a fantasia tem a função de identificação, e ele não deixa de ressaltar que o trivial é extremamente conservador (KOTHE, 1994: 50-52).

Flávio Rene Kothe (1994: 96) afirma que a análise textual deve comparar textos triviais e textos clássicos. A arte, e em particular a ficção, tem a função de “excluir uma alternativa à realidade” (KOTHE: 1994, 97). Os gêneros literários são como esquemas para montar enredos e falas, que induzem o leitor a uma implícita convicção. Kothe fala em um quarto gênero, que seria o “didático”. E pergunta se não há um elemento “didático” em todas as obras e gêneros, que transmite ou que repassa ao receptor “uma vontade do articulador do texto” (KOTHE:

1994, 100).

Assim como Staiger, Kothe procura definir os gêneros. Para ele, o autor é autoridade. Quando opta por um gênero, opta por “uma postura básica”, por um partido, por um modo de participar (KOTHE: 1994, 102). Segundo ele, o objeto da literatura costuma ser subdividido em termos temporais, espaciais, qualitativos e horizontais (KOTHE: 1994, 103). Este teórico discorda de que a categoria da novidade seja elemento de distinção entre literatura de autores e literatura de massa, porque nem sempre o novo é novo e porque a novidade também ocorre no trivial.

O dramalhão, de acordo com Flávio Kothe (1994: 211), pretende ser mais sério e mais profundo que a tragédia. Todavia, não consegue. Ele afirma que a partir de um mesmo enredo básico, “podem fazer-se obras de diferentes gêneros”. A arte, afirma Kothe (1994, 213), “tem por função elevar o homem à grandeza, para ele mesmo tornar-se maior do que a mediocridade em que costuma vegetar”. E conclui que “trivial é (...) achar que o mal sempre leva ao bem”.

Angélica Soares (1989: 71) afirma que “o escritor romântico propõe e pratica uma ruptura dos paradigmas clássicos dos gêneros literários”, ruptura que foi levada às últimas conseqüências pelos movimentos de vanguarda. Às vezes é impossível delimitar os gêneros, e o que sobra é apenas a noção do texto. Para se chegar a este nível, “exploram-se, radicalizam-se ou inovam-se algumas atitudes como a carnavalização (inversão de valores, subversão cultural, atitude de dessacralização), o dialogismo (escrita em que se lê o “outro”) ou a intertextualidade e a paródia (mecanismo intertextual) (SOARES: 1989, 71-74).

De acordo com Angélica Soares (1989: 77) “a noção de gênero literário é também histórico-cultural, obedecendo sempre (...) a um horizonte de expectativas”. Assim, “as noções de lirismo, narrativa ou dramaticidade (...) permanecem, pois nos vêm sendo transmitidas culturalmente”. Ao se abordar um texto literário, é imprescindível que, além

da questão dos gêneros, se associem “sempre as implicações contextuais, as poéticas e as ideológicas”. Com efeito, a causa dos gêneros literários estarem esfacelados é o fato de as ideologias se acharem tão pulverizadas. Todavia, permanece a força da “*linguagem*” gerando e perpetuando o literário.

Conclusão

Os gêneros, na verdade, possuem estreita relação com problemas de natureza estética, ética, filosófica, social e isso “impede a existência de uma única interpretação objetiva, nítida e indiscutível do que sejam gêneros literários” (COELHO, 1993: 46). Até porque toda classificação traz no seu bojo a sua própria contradição.

Para Eikenbaum (1975: 279), “a literatura possui uma ontologia própria. Pode ser conceituada como ficção, devendo-se notar que, eventualmente, será por um critério de valorização estética que a definiremos. Sua natureza é sempre poética e os gêneros literários decorrem da intenção do autor num determinado período histórico”. Com efeito, muitos estudiosos continuam a investigar o assunto na tentativa de formular um conceito definitivo para a problemática dos gêneros literários.

Bibliografia

01. ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros Literários. In: SAMUEL, Roger (Org.). **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1989.
02. COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
03. COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da Literatura em suas Fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
04. EIKENBAUM, et alii. **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipaiki e outros. Porto Alegre: Globo, 1975.
05. KOTHE, Flávio Rene. **A Narrativa Trivial**. Brasília: UNB, 1994.
06. SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1989.
07. STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais de Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.